

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E A PRÁTICA DOCENTE

Welton Douglas Gomes¹

José Antonio Ferreira Pinto²

RESUMO

O presente trabalho se propõe a relatar a experiência de regência de ensino do Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior – CAPES que ocorreu em uma escola pública estadual, em Campina Grande no Estado da Paraíba, em 2023. A regência ocorreu na turma do 1º ano do Novo Ensino Médio. Nosso enfoque foi direcionado ao tema de ficção científica, no Itinerário formativo e na disciplina de Física foi abordados conteúdos de mecânica, cinemática e dinâmica por meio de diversas metodologias; em certo modo nos proporcionou praticar os conceitos e propostas didáticas estudadas na universidade, seja na elaboração de planos de aulas e sequências didáticas, além de roteiros experimentais que contemplaram os três momentos pedagógicos (Muenchen; Delizoicov, 2014). Ficou observado que há uma parcela de estudantes que, além das limitações de interpretação de texto, raciocínio lógico e dificuldades em matemática básica e símbolos matemáticos são problemas que se somam as questões sociais e econômicas dos estudantes, nos dando a real dimensão da importância de uma prática docente humanizada, mesmo em meio a todos os obstáculos impostos pelo sistema educacional vigente. O objetivo a que se destina o programa foi atingido, tanto pelo desenvolvimento acadêmico quanto pela evolução profissional desencadeada no período de aplicação do mesmo.

Palavras - chave: Ensino de Física, Planejamento, Laboratório, Pedagogia, Didática.

INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é relatar a experiência de Residência Pedagógica (RP) ocorrida entre outubro de 2022 à março de 2024, na escola ENE Padre Emídio Viana Correia, localizada na Avenida Prefeito Severino Cabral-S/N, no bairro do Catolé em Campina Grande no Estado da Paraíba. O programa visa inserir os discentes das licenciaturas na experiência docente contínua, entre planejamento e regência, assumindo integralmente uma turma durante o ano letivo. Na Residência pedagógica (RP) os residentes constroem uma relação com o corpo docente da escola, com o administrativo e com os estudantes.

Após o processo de seleção para participar da RP, seguimos com um cronograma de reuniões com a orientadora e com o preceptor, nas quais nos foram apresentados os objetivos do programa, a responsabilidade individual de cada um na confecção de planos de aulas,



¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Bolsista do programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB, E-mail: welton.gomes@aluno.uepb.edu.br.

² Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, Professor Preceptor no programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB, E-mail: jose_pinto064@professor.pb.gov.br

sequências de ensino, comparecimento nas atividades escolares como planejamentos, plantões pedagógicos, conselhos de classe, chamados da secretaria de educação, preenchimento de diários, dentre outros registros necessários a coordenação e administração escolar, então tivemos conhecimento das escolas que estaríamos atuando durante todo período da RP.

Passamos a conhecer a realidade da prática docente por meio da experiência vivida na RP; parte das atividades docentes, até então, eram apenas teóricas, pois nos estágios supervisionados por mais que sejam planejadas aulas e elaborados materiais didáticos, os estagiários não têm atribuições de lançar nos diários, participar de conselhos de classe, além do convívio com os demais professores no dia a dia na sala dos professores e nos plantões pedagógicos.

A partir do exercício da regência o residente passa a construir sua metodologia e sua didática, avaliando aula a aula seu desenvolvimento, passando a realizar uma autocrítica, percebendo em sua práxis a melhor forma de desenvolver o conhecimento em sala, com o uso de diferentes métodos e estratégias didáticas; nesse sentido o professor é um agente transformador, e passa a usar as ferramentas para a melhor compreensão deste processo de aprendizagem e que se somam a construção da educação desses estudantes. As estratégias utilizadas pelo residente possibilitaram o uso dos três momentos pedagógicos de Muenchen e Delizoicov (2014).

O programa de RP possibilita a seus participantes não apenas o desenvolvimento profissional, já que passamos a administrar o tempo em que nos dedicamos ao curso, bem como com as atividades da escola, o exercício da assiduidade e pontualidade, a produtividade do residente, a partir da compreensão da dinâmica no processo de ensino-aprendizagem de duas vias e quando passamos a nos contextualizar na rotina escolar, passamos a ter a convicção de que aquele será o cenário em qual faremos parte daquele momento em diante, com as relações interpessoais, com as trocas de experiências, o fomento de práticas educacionais que trazem certo nível de interdisciplinaridade, tendo o programa atingido seu objetivo.

DESENVOLVIMENTO

Ao iniciarmos as atividades da RP, nos dirigimos à escola ENE Padre Emídio Viana Correia, localizada na Avenida Prefeito Severino Cabral-S/N, no bairro do Catolé em Campina Grande no Estado da Paraíba. Conhecemos sua estrutura física, tivemos contato com o Projeto Pedagógico (PP) da instituição, os documentos do Novo Ensino Médio (NEM) e as

Diretrizes Curriculares da Paraíba. Num segundo momento, juntamente com a observação das turmas, iniciamos a elaboração do plano de curso, planejamento das ações coletivas, levantamento de materiais existentes no laboratório de ciências; em reuniões com o preceptor elaboramos o produto para a RP, uma componente eletiva abordando práticas experimentais que se inserissem nos conteúdos a serem aplicados.

Foi de grande importância os encontros com a orientadora e com o preceptor da RP, que disponibilizaram as documentações necessárias para análise, seja ela da instituição, do programa ou mesmo da escola, sempre em tempo célere para que pudéssemos avaliar todos os critérios necessários para o desenvolvimento da experiência, onde foi possível equalizar todas as informações e interagir semanalmente para agregar informações que nos desse mais segurança ao iniciar as atividades na escola.

A turma que ficou sobe minha responsabilidade para a regência foi a do 1ª G do Ensino médio na modalidade regular, do NEM, turma esta composta de 39 estudantes inicialmente; tivemos também acesso ao livro didático que seria utilizado, que foi analisado: foi à base da construção dos planos de aulas, sequencias de ensino, roteiros e materiais complementares; essas elaborações estão lastreadas nas componentes curriculares da universidade onde houve o uso da metodologia experimental, problematizadora, histórica, Ciência Tecnologia Sociedade e Ambiente – CTSA, e poderiam ser aplicadas nas aulas a serem ministradas.

Ao iniciar o período escolar, antes mesmo da ida às aulas, nós tivemos contato com os estudantes na cerimônia de acolhimento da escola. Como anteriormente as turmas estavam definidas por residente, cada um pode socializar com sua turma, momento em que a docência passou a ser exercitada. Em sala, os residentes foram formalmente apresentados às suas turmas. Aplicamos uma dinâmica para conhecer os estudantes individualmente, seu nome e localidade de origem, buscando saber qual o futuro profissional cada um deles almeja de forma descontraída; serviu para que pudéssemos conhecer uns aos outros, com a interação entre si e com o regente; houve a apresentação do plano de curso, dos horários, do tema do itinerário informativo, da data da componente eletiva a ser disponibilizada.

A prática docente aplicada no cotidiano das aulas foi moldada através das necessidades da turma. Os planos e as sequências tiveram que ser elaborados baseando-se no desenvolvimento dos estudantes; foi percebido que os mesmos tinham dificuldades de interpretação de texto, álgebra e símbolos matemáticos, devido muitos deles terem estudado parte do ensino fundamental nas séries finais durante o período pandêmico, o que afetou de

diversas maneiras o processo de ensino e aprendizagem, resultando em uma maior dificuldade com conhecimentos básicos essenciais para compreensão dos conteúdos de física.

Para trabalhar conteúdos do componente de física e do itinerário formativo, utilizamos nas aulas ferramentas como simuladores, a exemplo do Phet, jogos simples como Wordwall, uso de plataformas como o Khan Academy, que nos possibilitou praticar a sala de aula invertida, enfim, uma abordagem distribuída entre o uso das tecnologias da informação e comunicação e a teoria encontrada no livro didático de apoio.

Os conteúdos ficaram divididos no planejamento, revisando com os estudantes as unidades de medidas por eles conhecidas, demonstramos seus múltiplos e os submúltiplos, também abordamos a definição das grandezas escalares e vetoriais, para darmos início ao estudo da mecânica, dividindo-a em três partes: Cinemática, dinâmica e estática, onde os estudantes tiveram contato com as leis de Newton, compreensão das forças, quantidade de movimento e impulso, conteúdos repassados no 1º e 2º Bimestre, onde tivemos a oportunidade de usar o laboratório. Após um breve período de recesso escolar, dando início aos conteúdos de máquinas simples e transmissão de movimento, temperatura, princípio de Pascal, fluídos, princípio de Arquimedes.

Também obedecendo aos três momentos pedagógicos, os exercícios foram direcionados a aplicação dos conteúdos vistos ao cotidiano dos estudantes; também foi usado o laboratório didático de ciências para realizar a demonstração dos fenômenos estudados. Respeitando o planejamento as avaliações eram sempre realizadas após uma breve revisão dos conteúdos oferecidos e da aplicação de exemplos e exercícios que buscavam a aplicabilidade daquilo que aprenderam.

As aulas direcionadas ao itinerário formativo abordando o tema de ficção científica, os estudantes assistiram alguns curtas-metragens, que em sua maioria relatam o desenvolvimento tecnológico da humanidade; foi solicitado que em grupo os estudantes criassem um roteiro de uma história fictícia que contivessem pontos existentes em comum com as obras de ficção abordadas. A posteriori, os roteiros seriam apresentados para a turma, a qual poderia fazer comentários sobre os trabalhos vistos e auxiliariam na definição dos roteiros por eles criados.

Durante o primeiro semestre continuamos os encontros com a orientadora e com o preceptor, algo que se repetiu no decorrer do segundo semestre. Demos continuidade ao planejamento para a componente eletiva experimental e divisão do calendário de execução dela, onde os estudantes da escola, que não possuíam horas complementares das componentes eletivas pudessem compor a ausência dessas horas.

As aplicações das aulas eletivas se deram em grupo e fomos separados em equipes que apresentavam os experimentos no turno e no contraturno, para possibilitar a todos os estudantes a participação. Sendo os alunos oriundos de todos os anos do ensino médio tivemos a possibilidade de executar experimentos que abordavam temas diversos como: Submarino, Balança d'água, Termoscópio, Foguete, Projetor, Túnel LSD, Enxergar a voz, Gramophone, Base de lançamento, Barquinho Flop Flop. Esses experimentos abordam temas como óptica, Gravidade, lançamento oblíquo, as leis de Newton, termometria, Princípio de pascal, calorimetria, ondas sonoras, conteúdos que estavam presentes na sala de aula, abordado nas turmas de seus respectivos residentes, fazendo parte do planejamento das aulas, onde a regência abordaria de forma teórica, sendo um complemento do ensino-aprendizagem desses participantes da componente eletiva. Vários experimentos foram confeccionados pelos estudantes nessas aulas, colocando em prática todos os conceitos abordados (Figuras 1a, 1b e 1c).

Figura 1a



Fonte: do autor

Figura 1b



Fonte: do autor

Figura 1c



Fonte: do autor

Ficando o último experimento do componente eletivo, sendo a montagem de foguetes os quais, foram montados também seus lançadores, e para o lançamento encaixamos justamente na semana dos jogos internos, onde os estudantes após a montagem de seus foguetes puderam realizar a demonstração do lançamento dos mesmos, sendo do foguete recordista um lançamento de 71 metros, em meio há outros lançamentos falhados, e ou, de baixo alcance.

Após realizarmos as avaliações do 3º bimestre e as avaliações de reposição (recuperação), apresentamos os últimos grupos com os roteiros sobre ficção científica, tornando-se as primeiras notas do 4º bimestre, os estudantes foram levados a coletar dentro de suas estórias fenômenos físicos por nós estudados durante o ano letivo. Após os resultados do

rendimento escolar da turma, apenas quatro alunos foram para prova final, sendo todos aprovados, com o resultado de três desistentes e 36 aprovações.

Nesta turma havia uma pessoa com autismo, que não necessitava de cuidador, nem mesmo de tratamento especial; ele acompanhava todas as aulas de cabeça baixa e ouvido tapados, e ao apagar o quadro fui solicitado pelos estudantes que avisasse para que ele pudesse olhar e realizar a memorização, pois possuía memória fotográfica e copiava tudo ao chegar em casa. Ao iniciar a regência tive um pouco de dificuldade, por não compreender como realizar a avaliação contínua deste aluno, percebi que era mais difícil pra eu entender sua forma de aprendizado, sendo que ele mesmo, não tendo a mesma interação dos demais, acabava por ter respostas mais exatas e críticas em relação aos demais. Em contato com sua responsável, lhe enviava via Whatsapp alguns conteúdos extras para que ele pudesse estudar em casa, já que o mesmo por motivos de crise faltava muito, no entanto sem queda em seu rendimento escolar.

Realizamos o último plantão pedagógico, e o último conselho de classe, prestando contas do preenchimento dos diários e os resultados individuais dos estudantes e também participamos do evento de encerramento do ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem as ferramentas disponibilizadas pela universidade como os estágios supervisionados, tornam-se ações de caráter resumido da verdadeira atuação de um professor, onde o rigor das atividades relacionadas a sua práxis, ultrapassam a carga horária na qual o mesmo efetivamente tem declarada formalmente, onde as relações interpessoais com os estudantes por vezes se dá de forma individual, direcionada, tendo em vista que os mesmos requerem, em alguns casos, de uma atenção especial, devido a possíveis transtornos, e ou, limitações intelectuais.

A experiência do programa de RP traz na práxis docente a necessidade de compreender as Leis, estatutos que regem o contato com essa faixa-etária, bem como as transformações periódicas ocorridas no PNE, BNCC e em legislações estaduais que se desvinculam por vezes da legislação federal, fechando ou criando lacunas entre questões meramente administrativas e a escola. Por meio do conhecimento real do funcionamento da escola, estando presente em todas as ações pedagógicas da instituição vinculada, um amadurecimento da idéia do regente de seguir a tarefa de lecionar, que é muito mais que estar

em uma sala de aula, se comportando como detentor do conhecimento, ainda que iniciando a docência acaba por vezes praticando ações que estão sendo reproduzidas a décadas, cultivando o retrocesso escolar.

Mais que um programa de regência, tive a consciência profissional dos tipos de problemas a serem enfrentados, da necessidade de aprender manusear novas ferramentas de ensino, o hábito de revisar conteúdos e atualizar o referencial teórico, bem como em preocupar-se também com questões psicossociais e econômicas que, estão intrinsecamente ligados a uma docência humanizada, capaz de enxergar no outro, as capacidades e habilidades de evoluir intelectualmente e pessoalmente, com empatia, dedicação e responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

MUENCHEN, C.; DELIZOICOV, D. Três Momentos Pedagógicos: um ponto de partida para analisar e planejar a ação didática em sala de aula. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 22(83), 105-128, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000300007>

ALMEIDA, M. E. B.; PRADO, M. E. B. B. O professor e as tecnologias da informação e comunicação na educação do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, 13(37), 105-119, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100007>

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; Pantarotto, Á. **Metodologia do Ensino de Ciências**. Série Prática Educativa, v. 1. Campinas, SP: Papirus Editora, 2002.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB.